

ENTRE O SOCIAL E O MATERIAL: SOCIEDADE E MODERNIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA

Marcelo de Sousa Neto – UESPI
e-mail: marceloneto@yahoo.com.br

Durante a segunda metade do século XIX, a Europa viveu um acelerado processo de modernização dos espaços, em que, como destaca Erkstein (1991), a fascinação pelo novo era uma marca de toda a Europa e as cidades de Berlin e Paris se colocam como grandes paradigmas de civilidade e modernidade a serem copiados. Com a República, o processo de modernização brasileiro se torna mais evidente e refletindo as transformações ocorridas na Europa. Assim, o presente escrito busca apontar e analisar alguns aspectos do processo de modernização das cidades brasileiras e sua relação com a sociedade, muitas vezes posta como meros espectadores das transformações por que passavam as cidades, que, em razão da amplitude e complexidade do tema, faz-se necessário um recorte temporal e espacial, no qual se buscou privilegiar os espaços urbanos da cidade do Rio de Janeiro, capital da República e que se constituiu como grande vitrine brasileira, e Teresina, cidade da periferia republicana e ainda muito atrelada ao meio rural, mas que também vivenciou um processo de modernização, durante a Primeira República brasileira.

A República brasileira, segundo Sodré (1998), surgiu de uma minoria vaga, imprecisa, sem ideologia nítida que se aglomeravam ao redor de uma instituição que não sabiam precisar, mas, que mantinham um aspecto essencial em relação ao regime anterior, afastava a maior parte da população dos centros de decisão. Vista desta maneira, a República representava mais uma reacomodação de forças que uma ruptura,

e que a população pobre tinha consciência de que aquela República não era a delas (CARVALHO, 1997).

No entanto, era necessário consolidar o regime e um dos expedientes adotados foi à modernização dos espaços, buscando romper com tudo que lembrasse o Império. Era necessário alinhar o Brasil a civilização, era necessário copiar a Europa e o Rio de Janeiro, capital e vitrine da República se torna um campo de experimentação que servia de espelho ao restante do país. Assim, de acordo com Sevcenko (1995), assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade do carioca, tendo por base a condenação dos hábitos e costumes, ligados pela memória, da sociedade tradicional; a negação de qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem de civilizada da sociedade dominante; a expulsão da população pobre do centro da cidade; e em cosmopolitismo agressivo e identificado com a vida parisiense. Tem-se, assim, lançado as bases de uma modernização forçada do Rio de Janeiro, que serviu de baliza para o restante do país.

No final do século XIX, alguns centros brasileiros, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo, apresentavam um forte acréscimo de sua população urbana que terá como efeito a perda da qualidade de vida pelo processo de aglomeração (RAMOS, 2003). Com a ação modernizadora, característica do Brasil da virada do século XIX para o século XX, não existiram ações com vistas a atender as necessidades desta população pobre que se aglomerava nos centros urbanos.

De fato, assistiu-se a implantação dos espaços urbanos segregadores, em que a população pobre era empurrada cada vez mais para os subúrbios, a exemplo do que fez o prefeito Haussmann, em Paris, pois, a ordem do dia era embelezar as cidades, como forma de mostrar-se civilizado e atrair investimentos, e assim, a cidade do Rio de Janeiro

torna-se o canteiro de obras preferido do governo republicano, em que os principais campos de trabalho foram à construção de ferrovias, os projetos urbanísticos de embelezamento e infra-estruturais.

Segundo Sevcenko (1995), a cidade do Rio de Janeiro se firma como paradigma da construção das cidades modernas no Brasil, em razão da necessidade de se criar uma cidade-vitrine, que funcionaria como cartão de visitas atraindo capital e trabalhadores europeus. Assim, a questão sanitária e embelezamento do Rio de Janeiro guardam estreita relação em dar ao país uma imagem de sociedade moderna e civilizada.

Cabe aqui uma ressalva, em estudo sobre o saneamento e modernização das cidades brasileiras, Ramos (2003) destaca que as referências adotadas foram cidades européias a exemplo de Berlin e Paris, como já salientado, assim, a implantação do modelo esbarrava na falta de correspondência com uma identidade existente, em que a nova forma urbana tentava dar vida a um mundo desejável, mas fora do alcance de boa parcela da população brasileira.

Observa-se então, que o saneamento e embelezamento estavam presentes nas principais intervenções nas cidades brasileiras desse período, em que se pode destacar a cidade do Rio de Janeiro, pelo seu caráter paradigmático ao restante do país. Teresina, guardada as proporções e peculiaridades, não foge ao processo modernizador por que passava o Brasil da Primeira República.

De início, deve ser lembrado que o surto modernizador encontra-se atrasado, no que se refere à Teresina, em pelo menos uma década se comparado ao mesmo fenômeno ocorrido no Rio e em São Paulo.

De acordo com Queiroz (1994), o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, testemunharam o surgimento em Teresina de grandes novidades identificadas com o progresso, revolucionando não somente as comunicações, transportes e consumo, mas o modo de vida das pessoas, seu lazer, sua forma de morar, seus hábitos de higiene. No entanto, estas transformações no cotidiano de Teresina não se deram sem traumas, pois, se mostrar 'moderna e civilizada' e que estava acompanhando as novidades dos grandes centros, em uma república que buscava legitimar-se, era muito difícil em um Estado de poucos recursos e pequeno meio circulante. Em Teresina, se havia um planejamento racional na edificação da cidade, este era limitado pelos poucos recursos, tanto público como privado, visto a economia sem grande dinâmica (CASTELO BRANCO, 2003).

As limitações infra-estruturais de Teresina ficam mais evidentes quando comparadas às reformas ocorridas no Rio de Janeiro, mas, mesmo com dificuldades, a cidade começava a transformar seus espaços, seus costumes, mesmo com a forte influência do meio rural.

Neste processo, como aconteceu em outros centros, o poder público teve que encabeçar muitas dessas ações. De maneira resumida, como bem destaca Castelo Branco (2003), Teresina sofreu um processo de modernização urbana no período que compreende a Primeira República brasileira, mas que esta se deu dentro das precárias condições de capital público e privado e que se processa sob o signo da concentração de renda, em que as melhorias advindas do progresso não eram acessíveis à maioria da população, denunciando, assim, uma enorme segregação social.

A cisão social existente nas primeiras décadas do século XX em Teresina, talvez fique mais evidente com um dos símbolos da modernização da cidade, o bonde. Mais que

uma opção de transporte, o bonde se tornou uma opção de lazer que, em seu início, aproximou as classes sociais. No entanto, de acordo com Castelo Branco (2003), partilhar o mesmo ambiente com pessoas de níveis sociais inferiores incomodava. Solução, o “reboque”, um vagão para os pobres, explicitando a segregação social da cidade.

De fato, tal qual outras regiões do país, a pobreza da população, ironicamente, será o grande entrave do processo de modernização da cidade. Como ressalta Araújo (1995), a miséria em Teresina era uma constante, em especial nos subúrbios, o que levava a muitos teresinenses e migrantes, também fugidos da miséria, a apelarem para a filantropia.

Durante o período que compreende a Primeira República brasileira, Teresina viu surgir alguns símbolos da modernidade, que ao mesmo tempo em que fascinava causava espanto à sua população, que, como destacado por, podem ser apontados o cinema, o telefone, a água tratada, a luz elétrica, o automóvel, bicicleta, entre outros (QUEIROZ, 1994 e CASTELO BRANCO, 1995).

No entanto, deve-se observar que no sentido urbanístico as transformações mais agressivas no conjunto arquitetônico da cidade ainda foram relativamente tímidas, em que pode-se destacar o Passeio Público Rio Branco e a Estação Ferroviária. Podemos notar modificações mais aceleradas no período do Estado Novo, em que podem ser destacados os edifícios dos Correios e Telégrafos, a Escola de Aprendizes e Artífices, o Colégio Estadual Zacarias de Góes, o Hospital Getúlio Vargas, entre outros, como ressaltado por Nascimento (2001), em estudo sobre Teresina nas décadas de 1930 e 1940.

Nascimento (2001) também ressalta que se por um lado Teresina modificava seus espaços, por outro mantinha uma característica da urbanização brasileira, a exclusão das

classes e camadas sociais menos privilegiadas do espaço urbano. Um dos instrumentos utilizados para 'empurrar' a população pobre para o subúrbio foram os códigos de postura do município, como já sinalizado por Pe. Chaves (1998), em que para este, o Código de Postura retratava o esforço dos administradores de dar uma face mais moderna e higiênica à cidade.

Verifica-se então, que a Primeira República brasileira foi um período de profundas transformações no seu espaço urbano e em consonância com um movimento desencadeado a nível mundial. Teresina acompanha este movimento, encabeçado por uma elite que buscava acompanhar o que estava acontecendo nos centros tidos com civilizados do país. No entanto, o processo de modernização das cidades brasileiras se deu de forma limitada e segregadora, visto que boa parcela da sociedade estava excluída do processo, representando, muitas vezes, um entrave. Teresina não foge a este quadro.

BIBLIOGRAFIA REFERIDA:

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. **Cotidiano e pobreza**: A magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1995.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Teresina nas primeiras décadas do século XX. IN: **Cadernos de Teresina**. Ano IX – nº 19, Abril, 1995.

_____. Desejos, tramas e impasses da modernização: Teresina – 1900-1930. IN: SCIENTIA ET SPES.: Instituto Camillo Filho. v.1, n.2/2003.

EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera**: a guerra e o nascimento da era moderna. Tradução de Rosáura Elhenberg. Rio de Janeiro, ROCCO, 1991.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. O processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940. IN: EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **Histórias de vários feitio e circunstância**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

RAMOS, Dawson da Paixão. O saneamento e a cidade moderna no Brasil. IN: **Anais do XXII simpósio nacional de história** – história, acontecimento e narrativa. João Pessoa; ANPUH: UFPE, 2003.

SERVENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**. Editora Brasiliense S. A.. São Paulo, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do segundo império**. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Graphia, 1998.